

RESENHA



Revisitando 1923, a hermenêutica da facticidade e uma  
antevisão da analítica existencial

HEIDEGGER, Martín. *Ontologia – Hermenêutica da  
facticidade*. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes,  
2021.

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

A resenha informa sobre a segunda edição da tradução brasileira de *Ontologia - Hermenêutica da facticidade*. Objetiva-se um perfil dessa obra que lança olhar compreensivo sobre a assim chamada “vida fática” (*faktische Leben*), que tem sua determinação na “facticidade” (*Faktizität*). A tradução documenta o curso friburguense

<sup>1</sup> E-mail: [kahlmeyermertens@gmail.com](mailto:kahlmeyermertens@gmail.com), Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8572-8302>

de verão de 1923 e o presente comentário busca grifar como a hermenêutica da facticidade presente na obra é útil à elucidação da gênese de *Ser e Tempo*, obra maior de Martin Heidegger (1889-1976).

Hoje mais conhecida do que em outrora, a ponto de, no Brasil, – no ano em que esta completa o centenário de sua apresentação – já se identificar pesquisas desenvolvidas sobre seus temas, temos um trabalho crucial à compreensão da primeira fase da filosofia heideggeriana. Parte considerável de sua importância está no fato de clarificar pontos relacionados àquilo que posteriormente veremos nomeado como analítica existencial e, de modo mais específico, ao fenômeno no foco desta análise fenomenológica: o *ser-aí*.

Registro de uma das primeiras preleções didáticas de Heidegger, *Ontologia – Hermenêutica da facticidade* é a última proferida em Friburgo, antes de o filósofo seguir a Marburgo para assumir o posto de Professor Titular Efetivo. Nessas lições, se identificam temas desenvolvidos desde 1919, período em que Heidegger ainda se ocupa da noção de fato (*Faktum*) em diálogo com neokantianos como Emil Lask e mesmo Heinrich Rickert. Ainda que com o acento da provisoriedade (já que o tema da *facticidade*, do *dar-se* (*Es-gibt*) e a própria noção de *ser-aí* (*Dasein*) seriam mais bem desenvolvidos em 1927), temos aqui resultados parciais das investigações que desembocariam na ontologia existencial de *Ser e Tempo*. Uma tal avaliação, no entanto, só pode ser feita com olhar retroativo, uma vez que, embora documento período de intensa produção filosófica de Heidegger, integra conjunto de escritos só publicados na década de 1980.

Apesar de a palavra *Ontologia* dar título ao curso, é caso em que o subtítulo melhor expressa o teor da obra. Käte Bröcker-Oltmanns (organizadora do volume 63 das *Gesamtausgabe*, no qual a obra se encontra) informa que o título seria formalidade universitária a qual o filósofo precisou cumprir para vincular o curso à programação daquele semestre letivo (Heidegger pretendia o nome “Lógica”, mas, outro professor mais antigo na universidade já o tinha escolhido). Ainda que as circunstâncias de adoção do título tenham sido casuais, o jovem filósofo soube servir-se da ocasião para oferecer conceituação do que seja a ontologia e como isso estaria relacionado a sua tematização. Para Heidegger: “Somente com a fenomenologia surge um conceito adequado para a investigação ontológica” (p.8). O autor compreende que o termo ontologia atingirá questionamentos e ganhos compreensivos de conceitos que tornariam possíveis um olhar sobre o caráter ontológico do fenômeno, a partir daí, se reposiciona: “Em última instância, o título que corresponde melhor ao tema e à maneira de tratá-lo seria: *Hermenêutica da facticidade*” (p.9).

O novo título nomeia o esforço de determinação de um solo em que filosofar tem lugar sem, no entanto, assumir indesejavelmente concepções preestabelecidas na ocasionalidade de nossa própria situação fática. Heidegger acredita que para uma conquista fenomenológica desse solo devemos voltar-nos à matéria de nossa vida, tomando em nossas próprias mãos o estofado significativo de nossa facticidade. Isso, na certa, não se refere a uma vida naturalizada ou psicologizada, mas à vida fática,

expressiva de nossa determinação mais própria em cada situação e designativa do caráter ontológico de nosso ser-aí mais próprio.

Na sequência, Heidegger caracteriza a facticidade no fulcro de sua investigação. Para ele, facticidade é indicativa do modo de ser de nosso poder-ser, este expresso sempre e a cada vez aí, na ocasionalidade (*Jeweiligkeit*) de nosso mundo. Percebamos o quanto a ideia de fático é influente na cunhagem e aplicação do termo *ser-aí* (*Dasein*), indicando na essência do humano justamente a ocasionalidade expressa no prefixo *-aí* (*Da-*). Passa a ser uma exigência, portanto, que uma hermenêutica do *aí* seja explicitada em seus termos e propósitos. Assim, na *Primeira Parte* o que temos é a introdução ao conceito de hermenêutica por meio da reconstrução de sua compreensão tradicional baseada em sua tão rica quanto erudita história; logo em seguida, sua aplicação pontual sobre a facticidade. Apenas após esses passos Heidegger pode nos dizer que:

A hermenêutica tem como tarefa tornar acessível o ser-aí próprio em cada ocasião em seu caráter ontológico do ser-aí mesmo, de comunicá-lo, tem como tarefa aclarar essa alienação de si mesmo que o ser-aí é atingido. Na hermenêutica configura-se ao ser-aí como uma possibilidade de vir a compreender-se e de ser essa compreensão. (p.21)

Assim, hermenêutica do ser-aí (único ente que pode compreender a si mesmo) avança também com a reconstituição da noção de facticidade na tradição teológica e filosófica. É o que se tem no Segundo Capítulo com o §4. O conceito de “homem” na tradição bíblica; §5. O conceito teológico e o conceito de “animal rationale” e §6. A facticidade como ser-aí em sua ocasionalidade. Entre esses, os dois últimos merecem mais nossa atenção pelas indicações dos estímulos que pensadores, como Kierkegaard, teriam dado a tal projeto filosófico.

Mais decisiva que a primeira, a *Parte II de Ontologia – Hermenêutica da facticidade*, traça o caminho fenomenológico que tal esforço compreensivo deveria trilhar. Com uma caracterização de fenomenologia reservado à conceptualização prévia do método fenomenológico naquela investigação. Em 1923, no entanto, Heidegger busca circunstanciar a fenomenologia em seu contexto histórico, confrontando-a com as questões que ela disputaria com as ciências humanas (em especial a psicologia) e as ciências naturais. De uma espécie de apanhado geral dos principais interlocutores (Dilthey, Rickert e mesmo Windelband), Heidegger chega à fenomenologia de Husserl. Apresentação marcada por preocupação didática da fenomenologia husserliana é o que temos no §14, esta associada à indicação de como sua própria fenomenologia difere da de seu mestre.<sup>2</sup>

Os próximos passos delimitam temática medular da obra já que apontam mais propriamente à interpretação da facticidade. A tematização das noções de indicação

<sup>2</sup> Cf. KAHLMAYER-MERTENS, R. S. “Hermenêutica da facticidade: contraprojeto à fenomenologia transcendental?” In: *A Filosofia Transcendental e a sua Crítica: Idealismo – Fenomenologia – Hermenêutica*. (Org.) Diogo Ferrer et al. Coimbra: Coimbra University Press, 2015, p. 235-257.

formal (*Formale anziege*) e de posição prévia (*Vorstand*) precede a introdução de elementos “metódicos” da referida hermenêutica, tanto quanto o modo de visar a cotidianidade que domina o tópico seguinte, esse que faculta compreender a facticidade cotidiana como marcada pela atitude natural; com isso, depreende-se, também, que mesmo as ocupações possíveis desde a cotidianidade carecem da orientação de um ver fenomenológico que permite compreensão do caráter ontológico da facticidade.

Um ensaio para as muitas descrições fenomenológicas da cotidianidade (ressalte-se a habilidade do filósofo nas descrições dos utensílios e do modo cotidiano de ocupação no âmbito do § 20.) será ponto de partida para a caracterização do ser-aí em *Ser e tempo*. O tópico também traz sua contribuição para tornar compreensível a gênese fática das significações, outro tema que se impõe à analítica existencial.

Reeditado pela Vozes, casa publicadora que tem o mérito de majoritariamente publicar as obras de Heidegger no Brasil, a nova edição não apresenta alterações de grande monta em relação à primeira, datada de 2012. A tradução de R. Kirchner (que acompanha as opções de tradução de J. Aspiunza<sup>3</sup> ao castelhano), continua a constituir boa ferramenta para a leitura e estudos desse período do pensamento heideggeriano. *Ontologia – Hermenêutica da facticidade*, no entanto, já se encontra, em 2023, escassa nas livrarias, o que faz com que se espere com anseio, tão logo quanto possível, nova tiragem do livro.

Submetido: 1 de junho de 2023

Aceito: 31 de junho de 2023

---

<sup>3</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ontologia – Hermenêutica de la facticidad*. Trad. Jaime Aspiunza. Madrid: Alianza, 2008.